



SAÚDE AOS APARTADOS: PRÁTICAS SANITÁRIAS NO PRESÍDIO DE FERNANDO DE NORONHA, NO SÉCULO XIX.

Claydja Cabral de Oliveira da Paixão¹

RESUMO

Os 360 km de distância do continente produziram Fernando de Noronha como um dos locais ideais para conservação da ordem pública, por isso no período que vai de 1737 a 1942 a ilha, cuja imagem atual é associada à materialização do paraíso na terra, era na verdade um depósito de pessoas. Todavia, em alguns momentos de sua trajetória a Ilha teve um papel que suplantava a sua condição de presídio. No final do século XIX, por exemplo, houve uma epidemia de beribéri, e Noronha adquiriu papel de quarentenário da Província de Pernambuco, já que, além dos próprios sentenciados, outros doentes eram enviados para o presídio, exigindo da administração da ilha uma política e um ambiente sanitário, adequados, a fim de conter o avanço da epidemia, o que por vezes fora inevitável. Neste sentido a importância do presídio vai para além dos seus paredões de água salgada. Sendo assim a fim de compreender a função de Fernando de Noronha como local de quarentena e de afastamento de determinados grupos sociais, este trabalho debruça suas indagações. O método de pesquisa utilizado contempla análise e interpretação de fontes primárias, pertencentes à série documental de Fernando de Noronha (APEJE-PE), que congregadas à fontes secundárias fundamentam as referidas apreciações.

Palavras-chave: beribéri, saúde pública, controle social, política sanitária.

ABSTRACT

The 360 km away from the continent made Fernando de Noronha the perfect place for the preservation of public order. So between 1737 and 1942 the island, whose image is now associated with the materialization of paradise on earth, was actually a deposit of people. However, in some moments of its history the island had a role to supplant his prison condition. In the late nineteenth century, for example, there was an epidemic of beriberi, and Noronha acquired the role of quarantine in the Province of Pernambuco, since, besides the sentenced, other patients were sent to the prison, requiring the administration of the island and a policy a sanitary environment, adequate to contain the epidemic, which was sometimes inevitable. In this sense the importance goes beyond the prison walls of their saltwater. So in order to understand the role of Fernando de Noronha and local quarantine and removal of certain social groups, this paper examines their questions. The research method used includes analysis and interpretation of primary sources, documentary series belonging to Fernando de Noronha (APEJE-PE), harnessing these secondary sources based assessments.

Keywords: beriberi, public health, social control, health politic.

Fernando de Noronha é um verdadeiro paraíso na terra, ou pelo menos, é essa a imagem que a maioria das pessoas tem acerca da Ilha, contudo, Noronha é múltipla e sua pluralidade não se limita às incontestáveis belezas naturais. A História da ilha guarda as mais

¹ Graduanda em História- UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), e-mail: jaja_paixao@hotmail.com.



variadas e surpreendentes perspectivas, e é partindo deste referencial que este trabalho se debruça na análise da ilha de Fernando de Noronha, num tempo em que este paraíso era, de fato, um verdadeiro depósito de gente. Durante o período que compreende a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XX, Fernando de Noronha, abrigou um presídio de grande importância para a província de Pernambuco. E em alguns momentos de sua história sua importância suplantou esta condição, a exemplo do período em que a Ilha foi o destino de pessoas, em sua maioria sentenciados, com beribéri.

O clima muito salubre, quente e com pouca humidade, cujo calor é refrescado pelos constantes ventos², fazia de Fernando de Noronha, um local que se enquadrava nas normas médicas do século XIX, as quais atrelavam as condições climáticas e sanitárias no tratamento de doenças. No caso do beribéri, não era diferente entendia-se que, para obter a cura, o doente tinha que contar com um ar saudável, e ambientes saudios. E por este motivo o conselho de salubridade não considerava que os Hospitais Pedro II, e a Casa de Detenção do Recife, fossem apropriados para os cuidados dos presos, já que estes locais possuíam péssimas condições estruturais.

Como se podem perceber em vários ofícios do Inspetor de saúde Pedro Ataíde Lobo Moscoso³, ambos os hospitais possuíam condições lastimáveis, no caso do Pedro II, por exemplo, sua construção havia sido feita em um local imundo, com pouca circulação de vento, sem esgoto e com os andares térreos sempre muito frios⁴. No caso da Casa de detenção a situação não era muito diferente, o Dr. Moscoso salienta, que basta entrar nela e respirar aquela atmosfera húmida e pesada para se saber que se está dentro de uma prisão sepulcro⁵. Diante da eminente situação da Casa de detenção do Recife o referido inspetor ressalta que,

o pessoal que nela se acha encerrado é com certeza o triplo ou quadruplo do que ela pode comportar. A falta de ventilação e de luz, muito notáveis no interior do estabelecimento, é causa para que se sinta dentro dele uma atmosfera fria, húmida, pesada e malcheirosa (...). Além disso, em cada célula existe um aparelho de materiais fecais, sem água, que exalam insuportável podridão, que como já disse em vários ofícios e relatórios é a principal causa do mau estado sanitário.⁶

² COSTA PEREIRA, Francisco Augusto; Ilha de Fernando de Noronha, notícia histórica, geográfica e econômica, 1887.

³ Pedro de Ataíde Lobo Moscoso foi Inspetor Geral da Saúde Pública da província e membro da sociedade de medicina de Pernambuco.

⁴ Trecho referente à ofício do inspetor Pedro Ataíde Lobo Moscoso, ao presidente da província José Antônio de Souza Lima, no ano de 1882. O referido documento pertence à Série documental de Saúde Pública- Arquivo Público João Emerenciano (APEJE-PE).

⁵ Op. Cit.

⁶ Op.Cit.

Diante dessa situação foi sugerido que os sentenciados beribéricos fossem transferidos para outro local, onde pudessem ser tratados. O hospital Pedro II, foi uma das opções, mas tendo em vista que suas condições sanitárias eram tão péssimas quanto a da Casa de detenção, achou-se mais conveniente que os presos fossem enviados para o presídio de Fernando de Noronha, pois acreditava-se que o clima seria determinante no processo de tratamento e cura destas pessoas, além do que era deveras vantajoso, que aquelas pessoas estivessem longe da Capital, a qual desde início do século XIX, visa sua transformação em cidade moderna e civilizada. Apesar de na época já se saber que o beribéri, não tinha causas contagiosas, o despacho da epidemia para 360 km de distância, era bastante conveniente, a “limpeza” neste sentido, também adentra aos aspectos sociais.

Durante o século XIX, como ressalta o professor Carlos Miranda, “a medicina é marcada por uma aliança entre os médicos higienistas e o Estado brasileiro, para promover uma intervenção mais direta nas questões relativas à medicina urbana”, na perspectiva de higienizar os espaços as edificações urbanas representadas por prisões escolas, asilos, enfim todo local em que a população se amontoava. Baseado numa abordagem Foucaultiana, o surto de epidemias eram causados justamente pelas condições sanitárias, e pela ausência de controle sanitário e espacial nestes ambientes.

Desta maneira, a partir de 1881, uma quantidade considerável de presos foi transferida para a Ilha presídio, que apesar de não ter todas as acomodações que a lei exige, tem, todavia os aposentos de mais indeclinável necessidade⁷, além de possuir um estado de limpeza, satisfatório, segundo médico responsável Ildefonso Theodoro Martins. O qual ainda ressalta que as únicas queixas com relação à estrutura da enfermaria se referem a uma parede que está em estado de ruína e ao fato de que a enfermaria não pode comportar um numero maior de doentes do que possui, e por este motivo foi estabelecida outra enfermaria no antigo quartel de Sant’ Anna⁸.

A transferência dos sentenciados exigia da administração do presídio uma política sanitária adequada para o tratamento dos doentes, como se pode perceber pela preocupação em aumentar o espaço físico para os cuidados dos beribéricos, até porque a população carcerária correspondia a um grupo cujos casos de beribéri eram mais frequentes, devido justamente, segundo compreensão médica da época, às condições insalubres das cadeias e

⁷ Arquivo Público Estadual João Emereciano. Série Fernando de Noronha. Volume 21. Folha 05.

⁸ Op.Cit. Volume 21. Folha 200.

penitenciárias, então se justamente um presídio foi considerado local adequado para se estabelecer um quarentenário, era preciso que não só o seu já citado clima estivesse apropriado, mas também sua estrutura física teria que se adequar àquela situação.

Se neste mesmo período o número de óbitos por beribéri na cidade do Recife subia de 09 para 37 em apenas um ano, no presídio este número era bem inferior, o que à primeira vista ratifica as propriedades curativas do clima e das condições sanitárias do presídio, já que de acordo com a medicina no século XIX, a cura mais pronta tem sido devido às viagens de mar e à saída do foco da infecção⁹.

É, portanto na perspectiva de manter o beribéri controlado e devidamente afastado, que cada vez mais pessoas são enviadas para a Ilha tendo chegado ainda no ano de 1881 cerca de 289 presos. O inicial sucesso desta política sanitária de transferência de doentes, fez com que Fernando de Noronha, adquirisse o papel de quarentenário da província de Pernambuco, já que além de sentenciados outros doentes eram mandados para o presídio. O diálogo entre o Governo da província de Pernambuco e administração do presídio se intensificou, com uma certa regularidade eram enviados para Noronha, gêneros alimentícios, medicamentos e artigos que se fizessem necessários para abastecimento do almoxarifado, enfermaria e farmácia da ilha.

A medida que Noronha cumpria com o sua função de quarentenário, criava-se um imaginário de que lá poderia se ter a cura para o beribéri, o que fez com que algumas pessoas doentes solicitassem transferência para a Ilha, levando consigo inclusive, sua família, como no caso do sentenciado Floriano Minervino de Souza, o qual foi para o presídio e solicitou que sua irmã Joana Alves da Silva e Souza o acompanhasse¹⁰.

Este “sucesso” inicial durou pouco mais de dois anos, os frequentes envios de sentenciados, além de problemas na emissão de gêneros e medicamentos para o presídio, fizeram com que o número de óbitos começasse a aumentar, o que demonstra que as condições estruturais do presídio, ainda não abarcavam a demanda de pessoas doentes. A produção de alimentos da Ilha era insuficiente para o número de pessoas que viviam no presídio, na tabela¹¹ a baixo é possível ver o volume demográfico, do período que

⁹ Trecho referente à ofício do inspetor Pedro Athaide Lobo Moscoso, ao presidente da província José Antônio de Souza Lima, no ano de 1882. O referido documento pertence à Série documental de Saúde Pública- Arquivo Público João Emerenciano (APEJE-PE).

¹⁰ Arquivo Público Estadual João Emerenciano. Série Fernando de Noronha. Volume 21. Folha 256.

¹¹ COSTA PEREIRA, Francisco Augusto; Ilha de Fernando de Noronha, notícia histórica, geográfica e econômica, 1887. P. 29

compreende os anos de 1881 a 1885 os quais correspondem ao tempo em que a Ilha esteve na condição de depósito de beribéricos da província de Pernambuco.

Ano	População Geral	Nº de sentenciados
1881	-	1668
1882	2353	1523
1883	2382	1561
1884	2338	1491
1885	2355	1487

Em virtude, do grande número de sentenciados, e tendo em vista que desde o final do ano de 1882, determinados pedidos de medicamentos feitos pelo médico encarregado do presídio, vem sendo negados, as condições de tratamento na Ilha passam a ser afetadas, e isso como já foi dito se reflete no aumento de falecimentos por beribéri. Em ofício de 04 de janeiro de 1883 ao presidente da província o Inspetor Pedro Ataíde Lobo Moscoso, afirma que não devem ser considerados alguns dos pedidos de medicamentos do médico do presídio, pois considera que está se pedindo mais do que o necessário. E ainda acrescenta que

“O pedido não veio assinado pelo médico, nem ao menos conferido por ele (...) Depois da remessa de duas ambulâncias, que continham não só todos os medicamentos pedidos pelo boticário, como também os que julguei que tinham aplicação aos doentes de beribéri, ainda não recebi ordem alguma para examinar medicamentos, e portanto não sou culpado de não haverem satisfeitos os pedidos que tem vindo da Ilha e nem da falta que se está sentindo dos medicamentos mais necessários e urgentíssimos para a farmácia¹²”.

Considerando que segundo o inspetor, poucos dias antes foi enviado para o presídio gêneros e artigos suficientes para a população da Ilha. O fato é que evidentemente neste momento, não só o diálogo entre a Província de Pernambuco e o Presídio não transcorre de forma regular, como também a ilha começa a ser encarada como um local em que o ar já está “contaminado do mal” e isso leva a uma queda acentuada do envio de sentenciados, além disso é sugerido que os presos doentes sejam enviados agora para serem tratados na Corte especificamente no Hospital da Ilha das Cobras, local onde, segundo a inspeção de saúde

¹² Trecho referente à ofício do inspetor Pedro Ataíde Lobo Moscoso, ao presidente da província José Antônio de Souza Lima, de 04 de janeiro de 1883. O referido documento pertence à Série documental de Saúde Pública-Arquivo Público João Emerenciano (APEJE-PE).



pública, os doentes podem contar com a segurança das enfermarias e com a salubridade do clima.

A diminuição do envio de sentenciados, foi desproporcional ao número de óbitos causados pelo beribéri, que no ano de 1885 chegou a ser de quase 40 casos comprovados. Obviamente a estrutura do presídio não estava sendo adequada para este tipo de tratamento, algumas reformas foram feitas, houveram reparos nas latrinas, mas se mostraram insuficientes, o sistema de esgoto estava deplorável e a construção feita na base da fortaleza da Conceição estava na parte baixa, o que ia de encontro às regras de higiene as quais estabeleciam que este tipo de construção deveriam ficar na parte mais elevada, onde o vento pudesse circular, apesar de bom estado de conservação. Segundo Pereira da Costa, as duas enfermarias com capacidade de 60 leitos, uma com 103 metros e outra com 100, são insuficientes em relação ao pessoal representado pelas praças, sentenciados doentes, os quais são tratados no mesmo edifício.

Pode-se dizer que neste momento tanto a Casa de Detenção do Recife, quanto o presídio de Fernando de Noronha, não se adequavam às exigências da inspeção de saúde pública. Apesar de também terem sido solicitadas reformas para a Casa de detenção seu estado sanitário permanecia deprimente, húmido e insalubre, cujo cheiro de materiais fecais de 400 indivíduos é tão insuportável que incomoda até quem mora do lado da Boa Vista.

Apesar de evidentemente influenciar na proliferação o estado sanitário, não é o único causador de doenças, o tipo de alimentação também é primordial, em especial no caso do beribéri, que é uma doença causada pela deficiência de vitamina B1. No período que compreende a epidemia, ainda não se tinha conhecimento da ligação entre a alimentação e o beribéri, esta noção só surgiu anos depois, quando os médicos Christian Eijkman e seu sucessor Gernit Grijns, formularam a teoria de que o beribéri não era causado por uma toxina, mas pela carência de uma substância existente na cutícula do arroz.

Isto explica por exemplo, porque o índice de presos acometidos pelo beribéri era tão alto, além de condições de higiene mínimas a alimentação ainda era lastimável. No caso da casa de detenção, a base alimentar era composto por um pequeno pão sofrível de 114 gramas para almoço com um pouco d'água de café, e no jantar um pedaço bem pequeno de carne seca, e três decilitros de farinha (de qualidade baixa) com feijão. Tendo em vista esta dieta, o inspetor destaca que esta não pode fornecer a quantidade de nutrição que um indivíduo



necessita para reparar suas forças. Diante disso é fácil de entender porque o ambiente prisional era tão propício à propagação do beribéri.

Os sentenciados expostos a situações extremas de insalubridade e a uma dieta paupérrima, logo demonstravam os primeiros sintomas da doença, a qual causava fraqueza extrema, anorexia, dificuldade de movimentação com rigidez nas extremidades dos membros, alterações de sensibilidade, confusão mental, dificuldade em respirar, edema subcutâneo e dos músculos dos membros inferiores e em casos mais graves problemas cardíacos. Apesar de provocar tantos danos de maneira tão rápida o beribéri, tem um tratamento relativamente simples, que consiste no acréscimo de alimentos ricos em vitamina B1. Como já foi dito essas informações não eram do conhecimento do corpo médico da época, entretanto o afastamento dos doentes para um local de condições sanitárias mais adequadas e com alimentação mais balanceada, fariam com que os índices da doença, caíssem.

Isso inclusive justificaria o fato de Fernando de Noronha ter tido êxito inicial neste processo de tratamento de doentes de beribéri, já que alguns dos alimentos mais produzidos e consumidos no presídio eram à base de mandioca, que por sua vez é rica em vitaminas A, C e do complexo B, ainda que de maneira desprezível, este alimento tão rico colaborou na manutenção do tratamento do beribéricos, pelo menos nos anos iniciais. É evidente que o grande número de beribéricos enviados aliados à falta de estrutura do próprio presídio tenham sido os fatores que realmente influenciaram no considerável aumento de falecimentos. O crescimento alarmante dos óbitos, fez com que se parassem definitivamente com o envio de presos doentes para a Ilha, apesar de que no auge do número de falecimentos, no ano de 1885, alguns ainda solicitavam o encaminhamento à Noronha a fim de obter tratamento, como no caso do capitão Honório Bacharel Batista Pinheiro Côrte Real que juntamente com sua família desembarcaram no presídio, no intuito de obter tratamento para a sua mulher, acometida pelo beribéri¹³.

Isso ajuda a entender, que a imagem de Fernando de Noronha na condição de quarentenário era de certa forma era validada e legitimada não só pelas autoridades médicas e governamentais, como também por pessoas que criam que o clima da Ilha lhes trariam a cura. Os casos supracitados, de paisanos que solicitaram encaminhamento ou que foram enviados para o presídio não são isolados, Fernando de Noronha de fato neste momento dividia o

¹³ Arquivo Público Estadual João Emereciano. Série Fernando de Noronha. Volume 24. Folha 449.

imaginário popular, entre os que viam a Ilha como local de exclusão e degrado, e os que enxergavam nela uma possibilidade de cura, para uma doença que até então não se sabia as causas exatas, e que matava muitas pessoas, desde muito tempo.

Segundo Arthur Fonseca, em seu breve estudo acerca da doença, o beribéri, cuja palavra significa fraqueza extrema, é uma enfermidade milenar, a qual para alguns se encontra descrita com o Nome de Kioh-Ki, no livro chinês Neiching, cerca de 2.600 anos antes de Cristo, e em outra análise possui datação de 330 anos antes de Cristo e para outros possui origem a 200 anos a.C . O fato é que durante muito tempo esta doença provocou estragos consideráveis na Ásia. No Brasil segundo Pereira da Costa desde o século XVII, já se menciona o beribéri e até chega a ressaltar o poder curativo da flora e dos conhecimentos indígenas, no aproveitamento da mandioca, por exemplo, a que o historiador assinala como sendo um excelente remédio para a cura da doença.

O interesse pela doença no Brasil, se deu mesmo no século XIX, com as epidemias da Bahia (1866) e Rio de Janeiro (1869), além de um surto no Recife (1871) e posteriormente no período, contemplado por este artigo que vai de 1881 a 1885. O clima tropical favorecia o desenvolvimento de um ambiente propício para a doença, e as condições de higiene sacramentavam tal condição. Por este motivo, até que se tomasse consciência da importância de uma alimentação minimamente balanceada, as populações cativas em particular estavam vulneráveis a estas e outras epidemias.

Contudo independente dos aspectos médicos o beribéri, abre o leque para reflexões que adentram o campo social, pois no estudo da situação sanitária fica evidente o plano de fundo de urbanização baseado num modelo europeu de modernização. Nesta perspectiva estes referidos processos estavam diretamente relacionados com a preocupação de conter as epidemias.

Noronha, apesar de uma considerável distância da Capital da província, se insere neste processo, com papel fundamental, na manutenção e desenvolvimento de uma política de higiene e salubridade para a província de Pernambuco. Este aspecto por si só, já seria suficiente para se compreender a Ilha de Fernando de Noronha, de uma maneira plural, estimulante, e verdadeiramente implantada na realidade continental.

Noronha verdadeiramente é um caso à parte, sua importância histórica como pode ser percebido ultrapassa as barreiras do Atlântico. Além do que é inesgotável, multifacetada e surpreendente, depende unicamente dos olhos que se dedicam a vê-la. Através das folhas

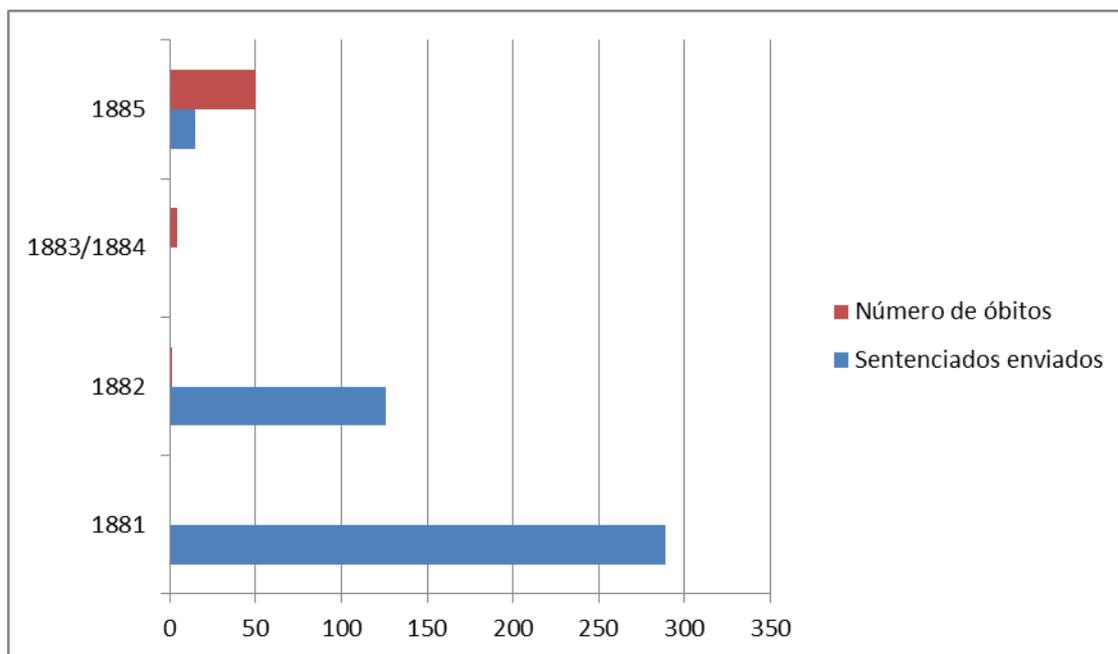


quebradiças e amareladas da documentação referente à Ilha, estas e outras abordagens podem ser feitas, Noronha sempre reserva uma nova perspectiva.

É com a ambição de revelar um pouco mais acerca da história ilha de Fernando de Noronha, que este trabalho se encerra, tendo por expectativa que mais pessoas sintam-se instigadas pelas particularidades desta Ilha que encanta e deslumbra na mesma proporção que desafia e surpreende os que se aventuram a conhecê-la.

ANEXO:

Gráfico comparativo acerca da proporção de sentenciados enviados para o presídio e número de óbitos, no período de 1881 a 1885.



Todos os números acima citados são estabelecidos com base nos inventários analíticos da Série de Fernando de Noronha, por este motivo, tratam-se de números aproximados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE NETO, Flávio de Sá Cavalcanti de. A reforma prisional no Recife oitocentista. Da cadeia à Casa de Detenção (1830-1872). Recife: Dissertação de Mestrado, CFCH, UFPE, 2008.

ALBUQUERQUE NETO, Flávio de Sá C.; **BRETAS**, Marcos; **COSTA**, Marcos, **MAIA**, Clarissa Nunes (orgs). História das prisões no Brasil. 2





vols. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ALBUQUERQUE NETO, Flávio de Sá C.; **ROTINAS DA CASA DE DETENÇÃO DO RECIFE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

COSTA PEREIRA, Francisco Augusto; Ilha de Fernando de Noronha, notícia histórica, geográfica e econômica, 1887

COSTA PEDROSA, Marcos Paulo, O Caos ressurgirá da ordem: Fernando de Noronha e a reforma prisional no Império, 1ª Edição. São Paulo:IBCCRIM, 2009.

FONSECA, Arthur. Beribéri, breve estudo. Dissertação inaugural apresentada à Escola médico cirúrgica do Porto, Imprensa Nacional 1906

GUIMARÃES. Keila Danielle Souza.; **CONSELHO DE SALUBRIDADE PÚBLICA DE PERNAMBUCO: um olhar médico sobre a cidade do Recife entre os anos de 1845-1850.** Dissertação UFRPE

MAIA, CLARISSA NUNES, ALBUQUERQUE NETO, Flávio de Sá C; **O TRABALHO PRISIONAL NA CASA DE DETENÇÃO DO RECIFE NO SÉCULO XIX**

MIRANDA CUNHA, Carlos Alberto, A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura. 1ª Edição, 2004

NERY SANTA ANNA, Barão de, De pariz a Fernando de Noronha: jornal de um degredado, Lisboa 1898

SANTOS, Manuela Arruda dos. Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831-1845 / Manuela Arruda dos Santos – 2009. Dissertação UFRPE

VAINFAS. RONALDO.; CARDOSO, CIRO FLAMARION (orgs.), Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONTES DOCUMENTAIS:

- Publicação oficial da diretoria de saúde da marinha. Arquivos brasileiros de medicina naval. Volume 71 nº 1, janeiro/ dezembro 2010.
- Série Saúde pública, Arquivo público João Emerenciano (APEJE-PE)
Volumes: S.P. 04 (1878- 1881)
S.P. 05 (1882-1883)
S.P. 06 (1884-1886)
- Série Fernando de Noronha, Arquivo público João Emerenciano (APEJE-PE)
Volumes: FN. 21 (1881)
FN. 22 (1882)
FN. 23 (1883-1884)
FN. 24 (1885)

